



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS

**“ESPELHO, ESPELHO MEU”... QUEM SOU EU?
A contribuição do conto de fadas na construção da
identidade infantil.**

JUSSARA MARIA PEREIRA MARIANO

Orientador: Prof. Dr. José Hélder Pinheiro Alves

CAMPINA GRANDE/PB
JUNHO/ 2013.

JUSSARA MARIA PEREIRA MARIANO

**“ESPELHO, ESPELHO MEU”... QUEM SOU EU?
A contribuição do conto de fadas na construção da
identidade infantil.**

Trabalho apresentado como exigência
para a Conclusão do Curso de Letras
da Universidade Federal de Campina
Grande, sob a orientação do Prof. Dr.
José Hélder Pinheiro Alves.

CAMPINA GRANDE/PB

JUNHO/ 2013.

JUSSARA MARIA PEREIRA MARIANO

**“ESPELHO, ESPELHO MEU”... QUEM SOU EU?
A contribuição do conto de fadas na construção da identidade
infantil.**

Trabalho apresentado como exigência para a Conclusão do Curso de Letras da Universidade Federal de Campina Grande, sob a orientação do Prof. Dr. José Hélder Pinheiro Alves.

Banca examinadora:

Prof. Dr. José Hélder Pinheiro Alves

Prof.^a Márcia Tavares Silva

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

Campina Grande, _____ de _____ 2013.

*Dedico este trabalho ao meu filho **Artur**, o mais belo Conto de Fadas de minha vida. Aquele que deu ainda mais significado para eu continuar vivendo e confrontando-me honestamente com os predicamentos humanos básicos. Grande inspirador desta pesquisa espero que ele sempre acredite nas fadas e que estas possam renascer a cada noite, embalando seus sonhos e o tornando incansável na busca do sentido de sua existência. Contribuindo de maneira significativa na construção de sua identidade.*

AGRADECIMENTOS

A *Deus*, por sempre me dar coragem, força e motivação para continuar procurando sempre um significado na minha vida, construindo assim, uma maturidade psicológica imprescindível para se viver bem;

A meu filho Artur, o "*Peter Pan*" da minha "*Terra do Nunca*", o que me faz acreditar na eternidade. O que restaurou o significado da minha existência, ele é: "*O significado*" da minha vida;

A meu esposo Adelson, "*O Príncipe Encantado*" do meu conto de fadas, o que sempre esteve ao meu lado me apoiando e entendendo os momentos de ausência;

A minha mãe Nita, a "*Rainha*" do meu castelo, a que nunca está só em seus pensamentos, sempre pensa em dobro: uma vez por ela e outra por mim, a que abre mão dos seus sonhos, para a realização dos meus;

A meu pai Antônio Mariano, "*O mágico de Oz*" do meu reino encantado, o pai *ilusionista*, pois mais importante que ser um bom mágico, é ser um bom homem. E ele assim o é, ajudando ao próximo com sua "magia", com seu *cérebro, coração e coragem*;

Ao meu irmão Bhira, "*O Músico de Bremen*" que canta e encanta o meu castelo com sua voz e companheirismo. Fazendo-me sentir e enxergar o mundo com outros olhos, ou melhor, outros ouvidos, deixando o meu reino mais harmonioso;

A minha irmã Iara... "*A Fada Madrinha*" do meu conto de fadas, que mesmo diante das "brigas" e "diferenças", sempre me protege, fortalecendo o laço que nos une, como muito amor e carinho;

Ao meu sobrinho Tom, “*O Pequeno Polegar*” mais lindo de titia, que enleva o meu mundo de fantasia e realidade, me fazendo acreditar, ainda mais nas fadas;

Aos *contos clássicos* da minha infância: Michele, Deise, Mabel, Marília e Patrícia, os (as), que sempre se fizeram presente nesta linda fase da minha vida. Onde juntas derrotávamos, bruxas, dragões, madrastas, ogros. Sem dúvida, as mais belas histórias que “já me contaram”;

Aos *contos modernos* da minha adolescência: Libânia e Raquel, partes de uma história que ainda continua me encantando, mesmo na era do computador (eita saudade das nossas cartas) e dos tempos “Lourdinhas”. Sem dúvida, as melhores histórias que já vivi;

Aos *contos contemporâneos* da minha fase “adulta”: Andréia e Lydia, o meu *id* e *superego*, que me fazem construir não somente o meu *ego*, mas meu *self*, elevando desta maneira minha autoestima, autoconfiança e autodescoberta. Sem dúvida, as mais lindas histórias que continuo narrando;

Ao meu orientador Hélder Pinheiro, “*O Gulliver*” que me encantou e me ajudou em suas “viagens sobre a literatura infantil”;

A professora Márcia Tavares, por ter prontamente aceitado o convite para fazer parte da banca examinadora;

Ao secretário do curso de Letras Marciano Siqueira, “*O Soldadinho de Chumbo*” que não poupou esforços para ajudar-me em minha caminhada acadêmica;

As *fadas* e *duendes* únicos em meu reino encantado: Vó Inês, D.Leninha, Genilson, Madrinha Socorro, Drica, Aninha, Débora Cristiane, Marilaura, Renata. Enfim a todas as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para que minha vida fosse sempre um belo conto de fada... e que todas encontrem sentido em sua vida...para que possam viver “*felizes para sempre*”.

*“Há muitas crianças que não acreditam em fadas.
Quando um garoto ou uma garota diz:
'Eu não acredito em fada' – morre uma fada.”...*

James Matthew Barrie

RESUMO

Ao começar a se locomover e explorar a realidade à sua volta, a criança dá início ao processo da formação de sua identidade. Várias experiências são fundamentais para ajudá-la nesta construção. Dentre essas experiências, encontra-se o contato com os contos de fadas, que segundo Coelho (1991) são histórias que fazem parte da vida de toda criança, mesmo antes de aprenderem a ler, e que lhes são tão familiares quanto às cantigas de ninar com que foram embaladas. Esta pesquisa teve como objetivo principal, averiguar a contribuição do conto de fadas na construção da identidade infantil, a partir da teoria psicanalítica de Bettelheim (1979). A metodologia adotada deu-se por meio de pesquisa bibliográfica, de caráter exploratório e interpretativo, através da análise do conto "O Patinho Feio". Os resultados demonstraram de uma maneira geral, que o conto de fadas, pode contribuir positiva e significativamente na formação da identidade infantil.

Palavras-Chaves: Conto de Fadas. Identidade Infantil. Psicanálise.

ABSTRACT

When starting to move around and explore around, the child begins the process of forming your identity. Several experiments are fundamental to help her building her identity. Among these experiences, it is found the contact with the fairy tales, which according to Coelho (1991) are stories that make part of the life of every child, even before they learn how to read and they are as familiar as the lullabies that they were rocked by. This research aimed to discovering the contribution of fairy tales from children's construction identity, from the psychoanalytic theory of Bettelheim (1979). The methodology adopted was performed by means of literature, exploratory and interpretative, through the analysis of the short story "The ugly duckling" (O Patinho Feio). The results showed that in general the fairy tales contribute positively and significantly to the childish identity formation.

Key-Words: Fairy Tales. Identity Childish. Psychoanalysis.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1-“ERA UMA VEZ” ... A ORIGEM DO CONTO DE FADAS.....	13
2- A PSICOLOGIA E O CONTO DE FADAS.....	18
2.1 O olhar de Bruno Bettelheim.....	18
3- ANÁLISE DO CONTO DE FADAS “O PATINHO FEIO”	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS.....	41
ANEXO.....	43

INTRODUÇÃO

O interesse por esse estudo partiu das disciplinas de Literatura ofertadas no curso de Letras, pela Universidade Federal de Campina Grande, especificamente, a Literatura Infantil, e dentro deste âmbito optei por pesquisar os Contos de Fadas, os quais sempre me encantaram e ainda hoje continuam me encantando, especialmente, quando os leio para meu filho.

Desde que comecei a contar essas histórias para ele, tive a curiosidade de investigar até que ponto essas narrativas contadas há milhares de anos e que continuam a cativar as crianças de várias gerações, poderiam contribuir para o desenvolvimento da sua identidade.

Naturalmente, a formação da identidade infantil é acompanhada por interrogações como: "Quem sou?"; "Como sou?"; "De onde vim?". As conclusões que emergem destas indagações tornam-se fundamentais para esse processo formativo.

Logo que a criança começa a se locomover e explorar a realidade a seu redor, começa a ponderar a respeito dessas questões. Quando espia sua imagem no espelho, a criança ainda não tem consciência se o que vê é verdadeiramente ela ou uma criança precisamente idêntica a ela.

Várias experiências são fundamentais para ajudar a responder a essas perguntas que fazem parte de todo processo de crescimento e autodescoberta dos seres humanos. Dentre essas, enfatizaremos neste trabalho a vivência do contato com o conto de fadas na construção da identidade infantil.

Coelho (1991) afirma que os contos de fadas são histórias que fazem parte da vida de toda criança, mesmo antes de aprenderem a ler, e que lhes são tão familiares quanto às cantigas de ninar com que foram embaladas, bem como é uma literatura muito presente em sua vida seja em casa, na escola, ou em outro ambiente no qual ela está inserida. Diante destes dados, há muitas divergências em torno dos possíveis efeitos positivos ou negativos que o conto de fadas pode ocasionar na vida das crianças, especialmente, na construção e formação da sua identidade.

Segundo Corso (2006) *conto de fadas* é o mesmo que Vladimir Propp nomeou de *conto maravilhoso*, em detrimento da onipresença de determinado elemento mágico ou fantástico nessas histórias.

Portanto, o uso da nomenclatura, conto de fadas, será abordado nesse trabalho, tanto pelo eixo da natureza *espiritual/ética/existencial*, como pelo eixo *material/social/sensorial* do ser humano. Diante disto, conto de fadas não carecem ter fadas, porém precisam conter qualquer elemento extraordinário, surpreendente, fascinante.

Maravilhoso provém do latim *mirabilis*, que significa admirável, espantoso, extraordinário, singular. Muitos optaram por essa denominação justamente para dar conta da vastidão de personagens e fenômenos mágicos, absurdos ou fantasiosos que podem povoar os reinos encantados (CORSO, 2006, p. 27).

No que diz respeito à escolha de se trabalhar o conto de fadas sob o ponto de vista psicanalítico, deu-se principalmente, por que acredito, como Bettelheim (1979) que “a psicanálise foi criada para capacitar o homem a aceitar a natureza problemática da vida sem ser derrotado por ela, ou levado ao escapismo” (p. 17). O que dá suporte a temática do meu interesse, qual seja a construção da identidade infantil.

Conforme Abramovich (1997) o conto de fadas é tão significativo que têm sido fonte de estudo para “psicanalistas, sociólogos, antropólogos, psicólogos, cada qual dando sua interpretação e se aprofundando no seu eixo de interesse” (p. 121).

Para tanto, dentro do âmbito da psicanálise, escolhi trabalhar com Bruno Bettelheim (1979), por sua obra ter sido a pedra principal da produção analítica a propósito do conto de fadas, ensinando-nos os mecanismos de sua potência na vida das crianças, conforme afirma Corso (2006). Podemos até mesmo dizer que seu texto contribuiu de forma relevante para os contos de fadas, enquanto aceitáveis, para colaborar no desenvolvimento da personalidade das crianças.

No que se refere à metodologia adotada para esta introdução ao estudo do conto de fadas, a mesma se deu por meio de pesquisa bibliográfica, de caráter

exploratório e interpretativo, já que foi analisado um conto, com base na concepção teórica elegida.

Em relação à escolha do conto, optei analisar “O Patinho Feio”, por se tratar de um conto que remete alguns aspectos da busca de um lugar no mundo, da formação e construção da identidade.

Sendo assim, este trabalho será dividido em três capítulos: o primeiro apresenta a origem do conto de fadas; o segundo discorre sobre a importância de tais contos, através da ótica do psicólogo infantil Bruno Bettelheim; e no terceiro e último capítulo, procura-se analisar o conto, uma vez que, a análise de narrativas acaba sendo uma forma necessária de entrosamento com a teoria, pois, deste modo, se pode vê-la em funcionamento.

Por fim apresentam-se as considerações finais, que trazem reflexões a respeito da contribuição do conto de fadas na construção da identidade infantil, sob a ótica dos autores estudados, bem como, a partir da análise do conto de fadas considerado.

1- “ERA UMA VEZ”... A ORIGEM DO CONTO DE FADAS

Para que seja possível uma maior compreensão a respeito do conto de fadas é imprescindível que se faça uma apreciação em relação a sua origem.

Segundo Soriano (2009) há muito tempo as pessoas se agrupavam em torno de fogueiras para contar e ouvir histórias de suas caçadas. Através dessas narrativas eram transmitidos oralmente, conhecimentos, sendo estes, repassados de geração em geração, chegando aos tempos atuais, com algumas modificações, mas, ainda nos fazendo sentar para contá-las.

Dentre as histórias relatadas estão os contos que, conforme afirma Soriano (2009) são narrativas tão antigas que mesmo transmitidas oralmente, eram reproduzidas e levadas de um povoado para outro, cruzando fronteiras. Diante disto, deixaram rastros nos vários locais por quais passaram, sendo recriadas e contadas de maneira apropriada ao entendimento da cultura local e por isto, sofreram algumas alterações ao longo do tempo.

Estas histórias estão carregadas de sentimentos universais, tais como: o amor, o ódio, a inveja, a tristeza, a alegria, a paixão, o medo, a admiração e, por onde quer que passem sempre encontram acolhida em um coração que tenha, pelo menos, um pouco destes sentimentos (SORIANO, 2009, p. 17).

De acordo com Coelho (2000) a forma *conto*, tal como surgiu e se desenvolveu desde as origens, se subdivide em “maravilhoso” e “de fadas”.

Para esta autora, *o conto maravilhoso* tem procedências em histórias orientais, expandidas pelos árabes, e cujo exemplar mais completo é a antologia *As mil e Uma Noites*. “O núcleo das aventuras é sempre de natureza *material/social/sensorial* (a busca de riquezas; a satisfação do corpo; a conquista de poder, etc.)” (COELHO, 2000, p. 173).

No entanto, *o conto de fadas*, é de natureza *espiritual/ética/existencial*. Surgiu entre os celtas, com heróis e heroínas, cujas aventuras eram vinculadas ao sobrenatural, ao mistério do além-vida, tendo em vista, a realização interior do ser humano. “Daí a presença da fada, cujo nome vem do termo latim “*fatum*”, que significa *destino*” (COELHO, 2000, p. 173).

Apesar de todo esse aparato histórico, o que se tem na verdade, é uma indistinção entre contos maravilhosos e de fadas. Porém, como explicado na introdução deste trabalho, ao usar o termo conto de fadas, estaremos nos referindo também aos contos maravilhosos, ou seja, não haverá subdivisão quando falarmos de conto. Todavia, por ter essa divisão, há também divergências em sua origem.

Coelho (1987), afirma que o “Livro do Mágico”, cerca de 4.000 a.C, de origem egípcia trouxe os primeiros escritos de narrativas que por sua estrutura e temática, aproximam-se dos contos de fadas. Posteriormente, os mesmos foram surgindo na Índia, Palestina (Velho Testamento) e na Grécia Clássica. Observa-se que a mentalidade dominada pela materialidade sensorial do Oriente, bem como, a luxúria Árabe, Persa, Iraniana e Turca, contrastam com mentalidade ocidental, impregnada de magia e espiritualidade, dos celtas e bretões. Para tanto, torna-se relevante enfatizar, que o Império Romano, foi o mais importante propagador das histórias mágicas orientais, no mundo ocidental.

Assim sendo, para o registro mítico-literário, os primeiros contos de fadas surgiram entre os celtas, povos “bárbaros” que dominados pelos romanos (séc. II a.C./ séc. I da era cristã), se implantaram sobretudo nas Gálias, Ilhas Britânicas e Irlanda. Contudo,

por fazerem parte do folclore de vários povos, por lidarem com a sabedoria popular e os conteúdos essenciais da condição humana, por sua transmissão oral antes mesmo da escrita, fica difícil precisar ao certo a origem dos contos de fadas (MATTAR, 2007, p.13).

O conto de fadas, originalmente, conforme Soriano (2009) consistia em relatos de acontecimentos da vida dos camponeses entrelaçados a suas fantasias, as quais eram transmitidas como alguma coisa de existência real. Desse modo, os contos de fadas provêm dos contos populares e, estes, por sua vez, da tradição oral, existindo por milênios, atravessando o tempo/espço por meio do costume de contar narrativas de pessoa para pessoa.

Segundo (FRANZ, 1990, p. 09), seguidora de Jung, “contos de fadas são a expressão mais pura e mais simples dos processos psíquicos do inconsciente coletivo”. Para esta autora, o conto de fadas nasce de uma história particular, ampliada pela imaginação. Uma vez contada e recontada, tal narrativa vai

descartando seus dados elementares, tornando-se mais geral. Perdendo seus elementos específicos e sofrendo a influência da cultura por onde se divulga, a mesma vai sendo acrescida de elementos originários do inconsciente coletivo. Assim, deixa de ser uma saga local para se transformar em conto de fadas. Do mesmo modo para Jung (1988),

os contos de fadas são produtos da fantasia e expressão “espontânea” do inconsciente, da mesma forma que os sonhos, pois os contos e os sonhos possuem estrutura dramática, com personagens, conflito e solução. Segundo Jung, os contos de fada são o resultado do relato de sonhos individuais nas sociedades primitivas (AMARILHA, 1997, p. 70).

De acordo com Bettelheim (apud MATTAR, 2007) esses contos ampliaram-se a partir dos mitos ou foram a eles incorporados, passando o conhecimento acumulado de uma sociedade sedenta de conduzi-las a novas gerações. Do mesmo modo, para Sosa (1978) o processo se fez simplesmente assim: “da palavra, em imagem viva e animada, surgiu o mito e deste nasceu o conto” (SOSA, p. 112, 1978).

Para tanto, não se pode precisar quando se diferencia o mito do conto folclórico, somente pode dizer que os dois procedem de uma sociedade pré-literata.

Os países nórdicos usam a palavra saga para ambos: mito e conto folclórico; os alemães usam *Sage* para os mitos e *Märchen* para os contos. Ingleses e franceses enfatizam o papel das fadas em histórias em que elas não aparecem na maior parte das vezes. Mitos e histórias de fadas atingem a sua forma final apenas quando estão redigidos, não mais sujeitos a mudanças contínuas (BETTELHEIM, 1979, p. 34).

Coelho (1987) declara que o conto de fadas, é denominado de *contes de fées*, na França; *fair tale*, na Inglaterra; *cuento de hadas*, na Espanha; e *racconto di fata*, na Itália. Já no Brasil e Portugal, o conto de fadas apareceu, no final do século XIX, como contos de carochinha.

No que diz respeito à terminologia, o conto de fadas, surgiu no fim do séc. XVII, após os primeiros compiladores de contos da tradição oral começarem a

publicar suas coletâneas. Os principais autores que coletaram e organizaram o conto de fadas, para crianças, foram: Charles Perrault, Jacob e Wilhelm Grimm e Hans Christian Andersen.

De início, o conto de fadas não era uma literatura destinada às crianças, conforme afirma Coelho (1987). No mundo europeu, aconteceu uma transformação gradativa da mesma: Na França, no século XVII os escritos de Perrault já demonstram essa tendência; na Alemanha, no século XVIII, os Irmãos Grimm, dão continuidade a esse processo de mudança; na Dinamarca, no século XIX, Andersen, segue a mesma tendência. Na América do Norte, no século XX, Walt Disney, torna-se o principal expoente dessa forma de literatura. No entanto, autores como Cashdan (apud MATTAR, 2007), afirmam que a mudança do conto de fadas em literatura infantil, ocorreu no século XIX, nos países influenciados pela língua inglesa, em razão das atividades de vendedores ambulantes, que comercializavam volumes pequenos a preços populares, divulgando o folclore e o conto de fadas de forma mais compreensível e acessível aos leitores da época.

Segundo Soriano (2009), em 1691, Charles Perrault passou a escrever narrativas folclóricas, nas quais defendia a literatura francesa e a causa feminista. A partir de 1696, após a adaptação do trabalho “Pele de Asno”, o referido autor passou a escrever para o público infantil, objetivando o desenvolvimento moral das crianças.

É ainda esta autora que afirma, que, no século XIX, em meio a um romantismo alemão, Jacob e Wilhelm Grimm, procurando desvendar o progresso dos vários idiomas e dialetos de seu país começam a pesquisar as histórias populares. Para Oliveira (2010), a literatura infantil na Alemanha, no século XVII apresentou um grande progresso com as pesquisas efetivadas pelos irmãos Grimm, tendo essa literatura sido estabelecida, desenvolvendo-se pela Europa e pelas Américas.

Em tal processo, Hans Christian Andersen, dinamarquês, ao adaptar os contos para o leitor infantil, adotou um jeito singular de contar histórias e escreveu vários contos, retirados da cultura popular ou escritos de sua própria inspiração, por isso, foi considerado o *Pai* da Literatura Infantil.

Os contos de fadas, as narrativas folclóricas tradicionais, instituíram-se numa forma de ficção que foi progressivamente se encaminhando para o público infantil,

em decorrência da relevância social que a infância começou a ter, a partir da Idade Moderna.

Com o modelo nuclear de família, inaugurado juntamente com a burguesia, a criança passa a ter um lugar central na mesma, requerendo um tratamento especial, diferenciado do adulto. Atualmente, esses contos são considerados histórias de criança, porém curiosamente vários deles, em sua estrutura permanecem semelhantes com aqueles que os camponeses medievais narravam. Deste modo,

as modernas versões dos contos de fadas, que encantaram tanto nossos antepassados quanto as crianças de hoje, datam do século XIX. São tributárias da criação da família nuclear e da intervenção da infância tal como a conhecemos hoje (CORSO, 2006, p. 16).

Destarte, tendo uma visão histórica da origem do conto de fadas, verifica-se sua contribuição em diferentes âmbitos de nossa vida, visto que, a partir da leitura desses contos, é que se podem apreender os assuntos que faziam parte dos pensamentos de nossos antepassados e, perceber as vivências e experiências que *sustentaram a humanidade*, as quais nos foram passadas através das histórias contidas nos contos, numa linguagem simples que fornece sentidos em qualquer idade. “Essas histórias fazem parte do patrimônio cultural da nossa sociedade e estão sempre a despertar a curiosidade e fantasia de todos que se deixem por elas envolver” (SORIANO, 2009, p. 31).

Portanto, percebe-se que este envolvimento e encantamento por estas narrativas se deu ao longo do tempo e assim, de acordo com esta autora, as pessoas vão compreendendo a proeminência de contar e escutar histórias, não as que se vive somente, bem como as que se cria, para si, como também para a humanidade: os contos de fadas. Consequentemente, a experiência, dos homens e mulheres desde os tempos primitivos, assim considerados pela história, não se perdeu. Rodas não mais se fazem em torno das fogueiras, mas ainda, fazem-se círculos para narrar pequenas histórias que se inicia, na maioria das vezes, com “era uma vez”...

1- A PSICOLOGIA E O CONTO DE FADAS

2.1 O olhar de Bruno Bettelheim

Bruno Bettelheim nasceu no dia 28 de agosto de 1902 e morreu no dia 13 de março de 1990. Foi um psicólogo infantil, que estudou a psicanálise, sendo um dos especialistas que mais se debruçou sobre a influência do conto de fadas e sua importância para a construção e o desenvolvimento da subjetividade humana. Esse estudo foi demonstrado, especialmente em seu livro *A Psicanálise dos Contos de Fadas*. Neste livro o autor aborda muitos aspectos relevantes para a compreensão do importante papel do conto de fadas para o desenvolvimento e aprendizagem da criança. Trata-se de uma experiência pioneira em interpretar exaustivamente o conto de fadas a partir da teoria psicanalista, ressaltando que seu uso pelas crianças contemporâneas visa a ajudá-las na elaboração de seus conflitos íntimos.

Bettelheim (1979) afirma que, descobrir um sentido para a sua existência, através de uma tomada de consciência a respeito de si mesma e do mundo no qual se insere, é o grande objetivo das pessoas que desejam realmente viver além do momento existencial. Assim sendo,

a tarefa mais importante e também mais difícil na criação de uma criança é ajudá-la a encontrar significado na vida. Muitas experiências são necessárias para se chegar a isso. A criança, à medida que se desenvolve, deve aprender passo a passo a se entender melhor; com isto, torna-se mais capaz de entender os outros, e eventualmente pode-se relacionar com eles de forma mutuamente satisfatória e significativa (BETTEHEIM, 1979, p.11).

Portanto, é necessário deduzir quais as experiências na vida infantil, mais apropriadas para promover sua habilidade de encontrar tal significado; dotar a vida, em geral, de mais sentido. Com relação a isto, Bettelheim (1979) afirma que:

nada é mais importante que o impacto dos pais e outros que cuidam da criança; em segundo lugar vem nossa herança cultural, quando transmitida à criança da maneira correta. Quando as crianças são novas, é a literatura que canaliza melhor este tipo de informação (p. 12).

Partindo deste fato, torna-se preocupante a literatura proposta a desenvolver a mente e a personalidade da criança, que está sendo veiculada ao seu tempo, nos diversos âmbitos. De acordo com este autor, a mesma não consegue instigar nem manter os recursos de que a criança mais precisa para suportar suas complexas dificuldades internas. Desse modo,

Para que uma estória realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam. Resumindo, deve de uma só vez relacionar-se com todos os aspectos de sua personalidade – e isso sem nunca menosprezar a criança, buscando dar inteiro crédito a seus predicamentos e, simultaneamente, promovendo a confiança nela mesma e no seu futuro (BETTELHEIM, 1979, p. 13).

Sendo assim, a criança para que consiga ter algum significado coerente, em relação as suas emoções, precisa de opiniões referentes à maneira de direcionar, o seu mundo interno e, conseqüentemente, a sua vida. Carece dessa orientação, não por meio de conceitos éticos abstratos, porém daquilo que lhe parece concretamente verdadeiro e significativo. Necessita de tal modo, de uma educação moral que com sutileza acarrete benefícios ao comportamento moral.

Uma das literaturas infantis que acarretam esse direcionamento para a criança de maneira fascinante é o conto de fadas, pois estes a auxiliam a lidar com as dificuldades interiores e achar alternativas adequadas, em qualquer lugar que esteja inserida.

A criança encontra esse tipo de significado nos contos de fadas. Como muitas outras modernas percepções psicológicas, esta foi antecipada há muito tempo pelos poetas. O poeta alemão Schiller escreveu: 'Há maior significado profundo nos contos de fadas que

me contaram na infância do que na verdade que a vida ensina' (*The Piccolomini*, III, 4) (BETTELHEIM, 1979, p. 14).

De acordo com Bettelheim (1979) os contos, numa razão bem mais intensa do que outros tipos de leitura, dão início no momento em que a criança verdadeiramente se encontra no seu ser psicológico e emocional. Por esta razão, através dos contos as pressões interiores complexas são assimiladas por elas, de modo que eles inconscientemente entendem e mostram exemplos, tanto de soluções temporárias quanto definitivas para problemas prementes.

É peculiar do conto de fadas colocarem uma problemática existencial de maneira precisa e categórica. Isto consente à criança aprender o problema em sua forma mais essencial, onde uma trama mais complicada confundiria o assunto para ela. O conto de fadas simplifica todas as situações.

Já as histórias não caracterizadas como conto de fadas podem fugir destas dificuldades existenciais, ainda que elas sejam assuntos cruciais para todos nós. Individualmente a criança precisa de respostas simbólicas, a fim de que possa lidar com suas dificuldades existenciais e atingir gradativamente a maturidade. "As estórias 'fora de perigo' não mencionam nem a morte nem a vida eterna. O conto de fadas, em contraste, confronta a criança honestamente com os predicamentos humanos básicos" (BETTELHEIM, 1979, p. 15). Portanto,

O conto de fadas toma estas ansiedades existenciais e dilemas com muita seriedade e dirige-se diretamente a eles: a necessidade de ser amado e o medo de uma pessoa de não ter valor; o amor pela vida e o medo da morte. Ademais, o conto de fadas oferece soluções sob formas que a criança pode apreender no seu nível de compreensão (BETTELHEIM, 1979, p. 18).

Além do mais, no conto de fadas o mal é tão onipresente quanto o bem. Desta forma, quase sempre no conto de fadas, esses dois elementos ganham corpo na configuração de determinadas figuras e de suas ações, uma vez que bem e mal são presentes em todo homem. É esta dualidade que põe o problema moral e requisita a luta para resolvê-lo. De acordo com Bettelheim (1979),

As figuras nos contos de fadas não são ambivalentes – não são boas e más ao mesmo tempo, como somos todos na realidade. Mas dado que a polarização domina a mente da criança, também

domina os contos de fadas. Uma pessoa é ou boa ou má, sem meio termo (p. 17).

A literatura infantil caracterizada como não conto de fadas, em sua maioria, recusa os conflitos interiores originados em nossos impulsos iniciais e emoções fortes. Portanto, a criança não é auxiliada a suportá-los e frequentemente sente uma aflição mortal, já que “está sujeita a sentimentos desesperados de solidão e isolamento” (BETTELHEIM, p. 18, 1979). Deste modo,

Na maioria das vezes, ela é incapaz de expressar estes sentimentos em palavras, ou só pode fazê-lo indiretamente: medo do escuro, de algum animal, ansiedade acerca de seu corpo. Como cria um desconforto num pai reconhecer estas emoções no seu filho, tende a passar por cima delas, ou diminui estes ditos medos a partir de sua própria ansiedade, acreditando que abrigará os temores infantis (BETTELHEIM, 1979, p. 18).

Conforme Bettelheim (1979) o conto de fadas, transmitem significativas mensagens à mente consciente, a pré-consciente, e à inconsciente, em qualquer condição em que essas instâncias psíquicas se encontram funcionando no determinado momento, quando aplicado o modelo psicanalítico da personalidade humana. Assimiladas pela mente, estas histórias contribuem significativamente para o processo formativo da personalidade da criança, uma vez que elas encorajam o desenvolvimento do ego, como também amenizam as pressões pré-conscientes e inconscientes, já que lidam com problemas humanos universais, especificamente os que preocupam o pensamento da criança. À medida que as histórias se desenvolvem, dão validade e corpo às pressões do id, revelando caminhos para agradá-la, que estão conforme as exigências do ego e do superego. Assim,

para dominar os problemas psicológicos do crescimento – superar decepções narcisistas, dilemas edípicos, rivalidades fraternas, ser capaz de abandonar dependências infantis; obter um sentimento de individualidade e de autovalorização, e um sentido de obrigação moral – a criança necessita entender o que está se passando dentro de seu eu inconsciente. Ela pode atingir essa compreensão, e com isto a habilidade de lidar com as coisas, não através da compreensão racional da natureza e conteúdo de seu inconsciente, mas familiarizando-se com ele através de devaneios prolongados – ruminando, reorganizando e fantasiando sobre

elementos adequados da estória em resposta a pressões inconscientes, o que a capacita a lidar com este conteúdo. É aqui que os contos têm um valor inigualável, conquanto oferecem novas dimensões à imaginação da criança que ela não poderia descobrir verdadeiramente por si só (BETTELHEIM, 1979, p. 16).

Outro valor significativo, ainda mais importante: a forma e estrutura do conto de fadas recomendam imagens à criança com as quais ela pode estruturar suas abstrações e com elas oferecer melhor comando à sua vida. Para Bettelheim (1979),

o conto de fadas é a cartilha onde a criança aprende a ler a sua mente na linguagem das imagens, a única linguagem que permite a compreensão antes de conseguirmos a maturidade intelectual (p. 197).

Sendo dirigido ao inconsciente, o conto de fadas não necessita de novas explicações. Em seus enredos, os mesmos possibilitam um diálogo entre as bruxas, os monstros e os pavores surgidos, com a ajuda das fadas ou de outros elementos mágicos que oferecem à criança a devida coragem e confiança de enfrentar os temores e as preocupações originários dos seres monstruosos. Por isso, as crianças insistem tanto em ouvir as mesmas histórias, numa busca inconsciente de solucionar seus conflitos interiores.

Dickens entendia que as imagens dos contos de fadas auxiliam a criança melhor do que qualquer outra coisa na sua tarefa mais complexa e, contudo, a mais importante e satisfatória: obter uma consciência mais madura para civilizar as pressões desordenadas de seu inconsciente (BETTELHEIM, 1979, p. 31).

Desta forma, compreende-se que o inconsciente é um determinante do comportamento e, quando o seu conteúdo tem, em certo grau, consentimento de vir à tona e ser trabalhado na imaginação, os prejuízos, são amenizados. Entretanto, quando contido, recusar-se a entrada de seu material na consciência, causando sérios problemas na personalidade.

De acordo com Bettelheim (1979), algumas pessoas e determinados pais consideram que os contos além de não dever expor a criança ao lado desagradável das coisas, não são verdadeiros e não devem expor as crianças a

estes quadros falsos. Temem que fiquem presas ao mundo de fantasias sem saber lidar com a realidade. Mas, para que se alcance uma personalidade total, a fim de lidar com as atividades da vida, é necessário nutrir, na infância, o inconsciente de fantasias, pois ele é a fonte e a base para o ego edificar nossa personalidade. Segundo Freud (apud BETTELHEIM, 1979, p.150), “as fantasias das crianças são seus pensamentos”. Contudo,

a crença prevalecente nos pais é que a criança deve ser distraída do que mais a perturba: suas ansiedades amorfas e inomináveis, suas fantasias caóticas, raivosas e mesmo violentas. Muitos pais acreditam que só a realidade consciente ou imagens agradáveis e otimistas deveriam ser apresentadas à criança – que ela só deveria se expor ao lado agradável das coisas. Mas esta visão unilateral nutre a mente apenas de modo unilateral, e a vida real não é só agradável (BETTELHEIM, 1979, p. 16-17).

A opção de criar os filhos no “isolamento”, decidindo por eles e evitando que os mesmos sejam expostos à dor e aos problemas do cotidiano, faz com que, estes filhos, sintam-se inseguros ao se defrontarem com as dificuldades normais da vida. Tentar manter, uma criança em uma “bolha”, afastada da realidade, pode causar sérios danos ao desenvolvimento da sua identidade, uma vez que, a mesma, torna-se alienada, não respondendo satisfatoriamente aos estímulos naturais que a vida lhe oferece.

Para tanto, a realidade é o que é, independente daquilo que pensamos a respeito da mesma. No entanto, a percepção humana dessa realidade, varia de indivíduo para indivíduo, de conformidade com a sua estrutura mental, e de acordo com os valores assimilados por ele. Em tal situação a imaginação de cada um cria os necessários elementos de defesa ou de ataque, possibilitando a convivência do ser humano com a realidade. Neste aspecto, muitas vezes o “anjo” ou o “demônio” existente no íntimo de cada ser é muitas vezes sufocado em seu inconsciente, por força da imposição da sociedade, personificada, na pessoa dos cuidadores. Assim, não se deve esconder a realidade traduzida nas informações fortes que se apresentam nos contos de fadas a uma criança. “A eliminação de elementos aparentemente insignificantes faz com que os contos percam sua significação mais profunda, tornando-os sem verdade psicológica” (SORIANO, 2009, p. 39).

Com base nisso, o conto de fadas, diferentemente de qualquer outra forma de literatura, conduzem a criança para a descoberta de sua identidade e comunicação, assim como recomendam as experiências que são indispensáveis para desenvolver ainda mais o seu caráter. O conto de fadas afirma que uma vida compensadora e boa estará ao alcance da pessoa, mesmo havendo adversidade na vida, uma vez que as pessoas não devem ter medo de enfrentar as lutas do destino, sem as quais jamais se consegue verdadeira identidade.

Contudo, Bettelheim (1979) afirma que,

o prazer que experimentamos quando nos permitimos ser suscetíveis a um conto de fadas, o encantamento que sentimos não vem do significado psicológico de um conto (embora isto contribua para tal) mas das suas qualidades literárias - o próprio conto como uma obra de arte. O conto de fadas não poderia ter seu impacto psicológico sobre a criança se não fosse primeiro e antes de tudo uma obra de arte (BETTELHEIM, 1979, p. 20).

O conto de fadas é ímpar, não só como uma forma de literatura, mas como obras de arte integralmente compreensíveis para a criança, como nenhuma outra forma de arte o é. Como sucede com toda grande arte, o significado mais profundo do conto de fadas será diferente para cada pessoa, e diferente para a mesma pessoa em vários momentos de sua vida.

Por isso, é que estas histórias têm tanto êxito no desenvolvimento da vida interior das crianças e cada uma verá no conto de fadas um significado diferente, conforme as suas necessidades e interesse em cada fase de suas vidas. Por exemplo, um mesmo conto de fadas pode ter um sentido importante tanto para uma criança quanto para um adolescente, ainda que os significados individuais que deles decorrem possam ser bem distintos. Diante disto, apreende-se que o conto de fadas tem amplo significado psicológico para crianças de todas as faixas etárias, tanto meninas, quanto meninos, independente da idade e sexo do herói da história.

Para proporcionar desenvolvimento, segurança e facilitar a descoberta de um significado na vida, é essencial que a criança lute por si só e enfrente a dificuldade que fez com que a história a encantasse, pois este processo causa amadurecimento. Por outro lado, dizer qual o caminho a criança deve seguir,

produz dependência do que outros vão dizer, distanciando-os de virarem pessoas independentes.

Como afirma Bettelheim (apud SORIANO, 2009) o conto de fadas favorece a fantasia e a imaginação enquanto instiga-se o pensamento, nos consentindo percorrer outro mundo, não menos verdadeiro do que o nosso. Um dos mecanismos que nos favorecem fazer essa viagem é o processo de identificação com os personagens, o qual nos proporciona o encontro com sonhos e anseios, bem como, favorece meios à procura de soluções para as dificuldades que residem na mente da criança.

A partir dessa identificação, compreende que a mesma coloca a criança no lugar do outro, deste modo vivencia juntamente com herói suas aventuras e desventuras, entristece e se alegra junto dele.

As crianças ao lerem/escutarem Contos de Fadas entram em contato com seu material inconsciente/latente, entretanto com um olhar externalizado, pois ao se identificarem com os personagens podem avaliar as situações de uma forma mais distanciada. Assim sendo, ao entrar em contato com os processos internos identificando-se com os personagens, os contos possibilitam a criança ver-se “de fora” da situação, com um olhar mais distanciado pode-se melhor perceber o problema posto e as sugestões para a solução (SORIANO, 2009, p. 34).

Amarilha (1997) enfatiza que por meio do processo de identificação com os personagens, a criança passa a viver o jogo ficcional projetando-se na trama da narrativa. Adiciona-se à experiência o momento catártico, em que a identificação alcança o nível de elevação emocional, finalizando de maneira liberadora toda a ação de envolvimento. Por conseguinte, o próprio jogo de ficção pode ser responsabilizado, parcialmente, pelo fascínio que desempenha sobre o receptor.

Nesse processo, o receptor da história vive acontecimentos distintos daqueles que está ocorrendo na realidade e, por meio desse envolvimento intelectual, emocional e imaginativo, vivencia fatos, emoções, reações de prazer ou frustrações podendo, deste modo, lembrar, adiantar e aceitar determinadas probabilidades do destino humano. O receptor aumenta as suas próprias escolhas de experiências do mundo, sem que com isso corra algum risco, pelo fato de

“viver” provisoriamente os conflitos, aflições e contentamentos dos personagens da história.

Cabe notar que o processo de identificação não se dá de maneira simétrica, como a projeção no espelho. Isto é, o leitor poderá identificar-se com um personagem ou circunstância que é bem distinto de si próprio. Essa probabilidade é desencadeada, precisamente, pelo jogo de máscara. De acordo com Zilberman (apud AMARILHA, 1997), por outro lado, enquanto componente lúdico, a catarse desprende o leitor das preocupações diárias, proporciona-lhe um olhar mais aberto e incita o julgamento. “Como o leitor está dentro da máscara, ele pode julgar a realidade com mais isenção” (p. 84).

Ao identificar-se com um personagem de ficção, o leitor entra em sintonia com os valores, ideias e formas da comunidade em que o personagem se situa. Ao mesmo tempo em que o processo catártico ocorre, o leitor responde, em contrapartida, com os seus valores e os seus sentimentos, naquele momento, a todo o conjunto de valores sociais representados pelo personagem, pela história, pelo narrador da ficção. Percebe-se, portanto, a intrínseca relação entre o lúdico manifestado na identificação do leitor e o texto e a ação interativa resultante – que é um ato comunicativo (AMARILHA, 1997, p. 85).

Segundo Amarilha (1997) ao vivenciar o processo de identificação e adotar as máscaras dos personagens, o leitor de um texto, demonstra que o texto de certa maneira lhe cativa em seu assunto, este sendo social ou individual. Uma vez que mesmo um leitor do século XX pode se sensibilizar intensamente e vestir a máscara de personagem de um conto escrito no século XIX. É provável que, nesse caso, a conjuntura histórica e social não foi precisamente o que atraiu a atenção do leitor. Foi possivelmente, a experiência com sua realidade interior, o estilo do personagem, a solução de determinada desordem, a ansiedade presente no conto, que engajou e gerou toda a identificação. “Contexto, nesse sentido, é o momento psicológico em que se encontra o leitor e que o faz viver ludicamente o sentido de uma história” (AMARILHA, p. 87, 1997).

De acordo com Bettelheim (1979), o conto de fadas orienta a criança a perceber e afastar, em sua mente consciente e inconsciente, seus anseios de dependência infantil e alcançar uma experiência mais autônoma por meio da realização do herói, do conhecimento pelo mundo e do encontro com o outro.

Para tanto, as crianças muito sabiamente, falam que o melhor da leitura é a identificação, é o processo catártico que as consente experimentar aventuras que não podem ser vividas na vida real.

Ao incitar a imaginação, o conto de fadas, recomenda soluções simples; proporcionam o desenvolvimento dos recursos interiores; assinalam alternativas, para encarar os problemas do desenvolvimento; colaborando, desta forma, para a constituição da identidade da criança.

O conto de fadas proporciona sentido em vários níveis diferentes, e enriquece a vida da criança de muitas formas, uma vez que, estimula a imaginação infantil, proporcionando possibilidades de soluções dos problemas implícitos no próprio conto e, posteriormente, na vida real da criança.

Diante dessas afirmações feitas por Bettelheim é plausível fazer uma reflexão sobre a importância do conto de fadas e as suas grandes contribuições nas várias etapas da vida das crianças, porque eles não são só apenas instrumentos de diversão, mas também contribuem para o desenvolvimento de suas habilidades em todos os momentos que forem utilizados.

Portanto, tornar-se relevante a análise de um conto de fadas, que possa apresentar elementos que justifique essas afirmativas, concomitantemente, acaba sendo uma forma mais agradável de entrosamento com a teoria, pois na análise se pode vê-la em funcionamento.

3- ANÁLISE DO CONTO DE FADAS “O PATINHO FEIO”

O conto “O Patinho Feio” foi escrito pela primeira vez por Hans Christian Andersen. Filho de um humilde sapateiro, que mesmo sem instrução, sempre estimulou o interesse que o filho cedo manifestou pela literatura e pelo teatro; mãe era lavadeira, mulher supersticiosa que o influenciou muito por passar-lhe a tradição oral do campo. O autor nasceu em Odense, Dinamarca, no dia 02 de abril de 1802 e faleceu em 1875. Desse modo,

Por sua enorme contribuição com a literatura destinada para a infância, comemora-se hoje o Dia Internacional do Livro Infanto-Juvenil na data de nascimento de Andersen⁷, 2 de abril. Além disso, o mais importante prêmio internacional do gênero, considerado o Nobel da Literatura Infantil, leva seu nome: Prêmio Hans Christian Andersen (SORIANO, 2009, p. 30).

Revelando os confrontos entre pessoas influentes e os desamparados, suas histórias retratavam o código social e eram influenciadas por sua infância sofrida, apresentando uma moral ou ensinamento. Desse modo, os contos de Andersen, resgatados dos costumes nórdicos ou inventados, revelam à abundância de injustiças que estão no alicerce da sociedade, todavia, concomitantemente, apresentam a saída para neutralizá-las: a fé religiosa.

Diante desses fatos, o autor passou à história como uma das vozes romântica a narrar histórias para as crianças e a recomendar-lhe modelos de conduta a serem seguidos pela nova sociedade que naquela ocasião se organizava.

Os irmãos Grimm e Andersen procuraram valorizar outros sentimentos que não fossem violentos, porque eles achavam que mais importante que a punição violenta era destacar, por exemplo, o bom caráter da princesa, ou a esperteza do fraco sendo mais eficiente que a força bruta do vilão. Foi desse modo ameno e romantizado que os contos de fadas chegaram aos dias atuais (OLIVEIRA, 2010, p. 23).

De acordo com Coelho (1987), Andersen publicou em 1835, seus quatro primeiros contos. Até 1872, lançou 168 histórias. À medida que ia escrevendo novos contos, seu gênio se tornava internacionalmente reconhecido e, ainda no decorrer de sua vida, ele acabou sendo considerado o mestre do conto de fadas.

Dentre as histórias escritas, iremos enfatizar a do “Patinho Feio”, por seu drama basear-se num persistente sentimento de rejeição, inadequação e uma busca de um lugar no mundo, a busca de sua própria identidade. Essa história, apesar de apresentar características de um conto maravilhoso, será abordada nesse trabalho como conto de fadas, em razão, de não haver subdivisão da forma conto.

Apesar de ser uma história amplamente conhecida, é importante recontá-la em grandes pinceladas, mesmo estando em anexo, tanto para alicerçar a análise que faremos, quanto para retomar a história original, pois a mesma é muito difundida com passagens cortadas ou simplificadas.

No começo havia um ovo diferente no ninho de uma pata, ele era maior e de choco mais demorado que os outros. Por fim, deu origem a uma avezinha graúda, desengonçada e acinzentada, em nada parecida com seus graciosos irmãos.

Seu aspecto distinto é determinante para ser discriminado por todos, inclusive pela mãe. Após se encher dos maus-tratos dispensados por ela, irmãos e vizinhos, ele voou para longe desse galinheiro infernal.

No lago onde foi parar, relacionou-se com dois jovens gansos. Apesar da frase inicial dessa amizade: “você é tão feio, que vamos com a sua cara”, durou pouco esse laço, pois seus amigos foram abatidos numa caçada. Escondido entre os juncos salvou-se de uma carnificina que liquidou com tudo que voava. Paradoxalmente, ele se sentiu rejeitado até pelos cães de caça, que o farejaram, mas, não o morderam. Sempre voando para longe do perigo, ele caiu na choupana de uma velha, que o acolheu pensando tratar-se de uma pata poedeira. Lá se sentia hostilizado pelos outros animais da casa e foi ficando com saudade da água, quando que decidiu voltar ao lago.

Tudo correu bem até a chegada do inverno, quando ficou congelado e desmaiou. Teria morrido, não fosse a bondade de um caçador que o desentranhou do gelo e o levou para sua casa. Lá, devido a tanto sofrimento que teve na vida, interpretou como agressões as brincadeiras dos filhos de seu salvador. Numa tentativa de escapar deles, provocou uma revoada desastrosa, derramando a manteiga, o leite e a farinha da casa. Quando a mulher do caçador gritou, por causa da confusão, ele fugiu mais uma vez, resignado a sobreviver sozinho no lago até a primavera. Essa estação trouxe de volta os cisnes, as belas aves que ele admirara e vira partir no outono. Então, ao curvar a cabeça com

medo de que eles também o maltratassem, ele se viu no espelho das águas, descobrindo que havia transformado-se no mais belo dos cisnes (CORSO, 2006, p. 33).

Percebemos que na história do “Patinho Feio” não há fadas presentes, e por este motivo, há alguns autores que dizem que esta história, nem sequer seja um conto de fadas, uma vez que não possuem elementos mágicos em sua configuração tradicional. Entre esses autores, está o próprio Bettelheim,

que lhes nega essa característica, porque não há a luta do herói, vencendo as provações e encaminhando-se para a resolução de um conflito, itens que ele considera imprescindíveis para essa classificação (CORSO, 2006, p. 32).

Entretanto, para Corso (2006) o simples fato de existir uma pata preocupada com a imagem pública da sua prole e com uma série de animais que pensam, falam e passam por problemas como se fossem humanos, sem haver nenhum questionamento acerca dessas capacidades atribuídas a eles, ao mesmo tempo em que atormentam o patinho, não há dúvidas que se trata de um conto de fadas, em razão da onipresença de determinado elemento mágico ou fantástico nessas histórias. Como podemos observar nas passagens abaixo,

Não vai dar, Excelência – disse mamãe pata. – Ele não é bonito, mas é muito bem-comportado e nada tão bem quanto os outros. Para falar a verdade, acho até que nada um pouco melhor que os outros. Tenho certeza de que quando ele ficar mais velho vai ficar muito bonito (ANDERSEN, 1995, p. 110).

– Olhem só! Vamos ter que aguentar outra família para fazer barulho. Até parece que já não tem pato que chegue por aqui! E aquele patinho? O que é aquilo? Assim não vai dar, assim já é demais! (ANDERSEN, 1995, p. 109).

Nos exemplos acima, podemos ver em um primeiro momento a pata preocupada com a imagem pública de seu filho e no segundo, animais que pensam como os seres humanos. Portanto, consideramos de maneira ampla que esta história seria um conto de fadas, pois, corroboramos com a posição defendida por Corso (2006), que para ser conto de fadas, não precisa necessariamente, ter a presença de fadas no enredo.

De acordo com Bettelheim (1979), para pertencer ao gênero conto de fadas, é imprescindível que o fim da história apresente um conforto, uma recuperação ou uma mudança positiva do personagem. Nesse conto essa resolução é identificada no final, quando o personagem para de padecer ao descobrir que não era feio, que apenas encontrava-se em um grupo distinto do seu. Compreende que é belo e cresce feliz.

O patinho ficou muito feliz pensando nos sofrimentos e dificuldades que atravessara. Só agora tinha condições de entender as maravilhas que o destino lhe reservava. Enquanto isso os grandes cisnes nadavam em torno dele e acariciavam seu pescoço com os bicos (ANDERSEN, 1995, p. 118).

Portanto, mesmo que essa história não possua dramas amorosos, nem bruxas vingativas, nem a tradicional revanche ou punição dos vilões, pois não tem um vilão específico, há um ambiente com suas adversidades, visto que, o patinho sofre de frio e fome, em que o papel do mau se reserva àqueles animais que o discriminaram. Existe algo de estrutura comum entre essa criação de Andersen e os contos tradicionais.

O inverno chegou, um inverno muito, muito frio. O patinho foi obrigado a ficar nadando para lá e para cá para impedir que água ficasse completamente congelada. Mas a cada noite que passava o buraco em que ele nadava ia ficando menor; de tão duro, o gelo começou a estalar; o patinho tinha que mexer as patas o tempo inteiro para que água não se congelasse com ele. No fim, acabou ficando cansado e parou de se mexer, em pouco tempo estava firmemente preso no gelo (ANDERSEN, 1995, p.117).

A história do “Patinho Feio”, além de problematizar essas questões da forma *conto*, ainda nos faz lembrar outra composição literária; as fábulas, visto que apresentam características semelhantes a essa, por seus personagens serem animais, com características humanas; bem como, por seu desenlace refletir uma lição de moral.

De outra maneira, apreendemos que, nesse tipo de história, pouco influi o gênero do personagem, já que, mesmo que o patinho seja masculino, a condição universal e precoce de suas representações não proporciona obstáculos à identificação das meninas. Pois como vimos, os contos de fadas têm amplo

significado psicológicos para crianças de todas as faixas etárias, tanto meninas, quanto meninos, independente da idade e sexo do herói da história.

Assim, vemos a saga de um patinho, que sofreu preconceito por sua feiura, por ser diferente e por esta razão passou por muitas humilhações e sofrimentos. Porém, mesmo diante de todas as dificuldades enfrentadas por este animal, ele vence ao final da história, como ocorre na maioria dos contos, o que reforça o olhar de Bettelheim, quando afirma que, uma luta contra as dificuldades graves na vida é inevitável, mas que serão vencidas, se as enfrentarmos com a devida coragem.

Diante disto, merece destaque o fato de o herói da história estar meio fora dos padrões, pois no início não é belo. No entanto a transformação pela qual passa o dito “Patinho Feio”, representa a mudança de conceitos que acontece com as pessoas, que descobrem suas potencialidades ou que descobre o seu verdadeiro valor. A descoberta do “Patinho Feio” para o novo Cisne Lindo acena com o reconhecido final feliz e a esperança de que tudo acaba dando certo, mesmo que, para isso o sofrimento foi necessário.

- É, mais ele é muito grande e esquisito – disse o pato da bicada.
 - Seus filhos são muito bonitos, madame! – disse a pata idosa da fitinha na perna. – Todos, fora um, que é um fracasso. Eu gostaria muito que a senhora pudesse fabricar de novo esse tal (ANDERSEN, 1995, p.109-110).

Deste modo, mais uma vez vemos que a beleza é uma temática muito difundida nas histórias infantis, como ocorre em diversos contos de fadas¹, porém, este conto mostra como a noção de beleza é questionável e relativa, de acordo com a visão de uma pessoa para outra ou em culturas diferentes.

- Você é tremendamente feio! – disseram os patos selvagens. – Mas para nós tanto faz, desde que você não invente de casar com alguém da nossa família
 - Ei, amigo! – disseram.- Você é tão feio que estamos simpatizando com você [...] (ANDERSEN, 1995, p. 112)

¹ Dentre esses contos, destaca-se tanto contos clássicos, como: “A Bela e a Fera”, “A princesa e o Sapo”, assim como, histórias adaptadas nos últimos tempos, tais quais: “Dumbo”, “Shrek e Fiona”.

- O mais novo é o mais bonito. Tão jovem! Que beleza!
E os cisnes velhos se inclinaram diante do novo (ANDERSEN, 1995, p. 118).

O fato de o patinho ser considerado feio e rejeitado pelos outros, serve como projeção na identificação daquelas crianças que passam por essa situação, como também, para aquelas que, não passando por tal posição discriminatória, mas discriminando as demais, aprendam a respeitá-las. Neste aspecto, é interessante destacar, a importância do incentivo a criança para desenvolver seu potencial, fazendo-a acreditar em si e valorizando sua autoestima.

Igualmente, o sentimento de inadequação em presença de um grupo pode servir como comparação quando a criança se sente estranha em seu corpo, na sua família, em determinada cultura, raça etc. Bem como, proporcionar a esperança de que quando ela conseguir se identificar com o grupo que se adapte aos seus anseios, conseguirá descobrir sua verdadeira identidade e assim, será feliz.

Entretanto, é uma história que lida com a dor, com o sofrimento, com desprezo da mãe. Possui informações que são tidas como “fortes”, porém necessárias, para o desenvolvimento da criança, o que ajuda no seu efeito catártico. Essas informações “fortes” conforme Bettelheim (1979) são necessárias para que a criança aprenda a lidar com as atividades da vida, pois é necessário nutrir, na infância, o inconsciente de fantasias, pois ele é a fonte e a base para o ego edificar nossa personalidade.

O coitado do patinho era odiado por todo mundo. Seus próprios irmãos e irmãs eram malvados com ele.

- Se pelo menos o gato desse um jeito em você, sua coisa horrenda!

Até a mãe reclamava.

- Eu queria ver você bem longe daqui! (ANDERSEN, 1995, p.110).

Um fato relativo ao autoconhecimento na história é quando “O Patinho Feio” observa sua imagem na água do lago. Essa cena nos lembra de duas composições literárias: um mito e um conto de fadas. O mito grego da história de Narciso que se apaixona por sua própria imagem de uma maneira tão excedida que acaba morrendo, bem como, o conto de fadas, “Branca de Neve”, em que a

madrasta se olha no espelho todos os dias, para reafirmar a sua beleza, a identidade que ela construiu. Neste caso, temos o espelho como elemento de revelação do "eu" de como me percebo e isto acontece muito com as crianças ao se olharem no espelho.

Faz caretas, vira-se de um modo e de outro, caminha para fora do espelho e pula de volta na sua frente para verificar se a outra também se moveu ou se ainda está lá. Embora com apenas três anos, a criança já está às voltas com o difícil problema da identidade pessoal (BETTELHEIM, 1979, p. 61).

O pobrezinho abaixou a cabeça, olhando para água, e esperou. Mas que foi que ele viu na água límpida? Por baixo de si, viu sua própria imagem; só que sua imagem não era mais a de um desajeitado pássaro cinza-escuro, feio e repelente (ANDERSEN, 1995, p.118).

Para "O Patinho Feio" o significado da sua existência, consiste em descobrir-se, em saber quem ele é verdadeiramente; achar a tribo, a família da qual faz parte e ter uma existência autônoma. Percebemos que a jornada desse pequeno herói é tanto interior quanto exterior, uma vez que ele, não tem lugar, sofre frio e fome, tem sempre que buscar outro espaço. Lutando contra o desamparo e a desesperança, buscando um lugar no mundo.

Contudo, foi vivendo os conflitos da sua própria existência que "O Patinho Feio", gradativamente foi refletindo sobre a sua própria reflexão, foi se descobrindo; migrando por diversos lugares até encontrar um grupo de cisnes, foi vivenciando experiências e passando por diversos modos de ver o mundo até que encontrou o seu lugar, sendo aceito da forma que era a partir do momento em que ele foi descobrindo seu verdadeiro valor. Além do mais, o processo de identificação com os cisnes foi de extrema relevância para ele descobrir sua verdadeira identidade. Esse fato é da maior importância pelo caráter simbólico que assume. Encontrar a sua tribo é fundamental para ser feliz. Agora não é mais o aspecto estético que o define, mas é a autoaceitação e o apoio de um grupo. Portanto, apesar dos obstáculos enfrentados o patinho saiu vitorioso, o herói venceu ao final da história. Diante do exposto,

percebemos que o poder se encontrar, se conhecer, depois de ter sido patinho feio, que só se percebe cisne após descobrir sua identidade (o que significa percorrer uma trajetória longa, difícil e muito sofrida...). Aí a beleza é total!!! É então que nos sentimos capazes de enfrentar o dragão, o gigante, o ogro, o monstro, ou o nome que tenha no nosso dia-a-dia, enfim, aquele que pensamos ser maior ou desconhecido, ou inatingível, ou cercado de forças inabaláveis e poderosas... e descobrir que podemos enfrentá-lo. A questão é descobrir quem somos, perceber o quanto podemos, saber com quem contamos e o quanto podemos, saber com quem contamos e o quanto desejamos (seja o que for) nos colocar em campo e lutar contra o adversário (e sempre por uma justa causa ... conforme nossos valores, nossa percepção, noção de justiça ou injustiça etc.) (ABRAMOVICH, 1997, p. 135).

Através desse conto, há um favorecimento da fantasia e imaginação, ao mesmo tempo em que, instiga o pensamento, consentindo adentrar em outro mundo, não menos verdadeiro que o nosso. Quantas vezes não fomos/somos patinhos feios, em busca de um lugar no mundo, que nos acolha da maneira como nos constituímos.

A partir dessa imersão no mundo da fantasia, as pessoas conseguem se deparar com seus sonhos, objetivos, anseios, do mesmo modo em que, refletem-se alternativas para solucionar os eventuais problemas que possam surgir, ao colocar-se no lugar do personagem, vivenciam-se com ele suas aventuras e desventuras, suas tristezas e alegrias e por se estar de fora da situação consegue-se concomitantemente, vivenciar, distanciar-se e apreender melhor o problema existente. Pois como vimos, o receptor aumenta as suas próprias escolhas de experiências do mundo, sem que com isso corra algum risco, pelo fato de “viver” provisoriamente os conflitos, aflições e contentamentos dos personagens da história.

Por fim, de acordo com os fatores apresentados pelo autor sobre a finalidade dos contos de fadas e a importância deles na resolução dos problemas internos das crianças é que se pode identificar no conto "O Patinho Feio" o consolo para o conflito interno, seja com a aparência física ou com a falta do sentimento de igualdade no grupo em que nasceu, pois atinge diretamente o inconsciente da criança. Assim,

Cada conto de fadas é um espelho mágico que reflete alguns aspectos de nosso mundo interior, e dos passos necessários para evoluirmos da imaturidade para a maturidade (BETTELHEIM, 1979, p. 348).

Diante do exposto, devemos refletir o lugar que o conto de fadas, deve ocupar na vida de cada pessoa, especialmente, das crianças.

Sendo assim, conforme Franz (apud SORIANO, 2009),

deve-se lembrar que ao conferir um significado a uma história pode-se apenas dizer que parece representar isto ou aquilo e nunca afirmar como verdade absoluta (p. 35).

Portando, os dados demonstrados nesta pesquisa, são suposições, diante de um estudo, sobre as contribuições que o conto de fadas, pode proporcionar a vida das crianças, uma vez que como existem diversas interpretações e análises para os contos de fadas, esta foi um recorte do ponto de vista psicanalítico. Desta forma, estas considerações não deixam que se esgotem aqui todas as possibilidades de entendimento que ainda podem surgir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados das leituras efetuadas demonstraram de uma maneira geral, que o conto de fadas, é um assunto que acarreta muitas discussões, principalmente quando há questionamento em torno dos benefícios ou malefícios que essas histórias podem ocasionar no desenvolvimento infantil.

Muitas pessoas, especialmente os pais, se perguntam se devem ou não narrar conto de fadas para a criança, pois, consideram que estes possuem cenas fortes e desta maneira, não se deve expor a criança ao lado desagradável das coisas; não são verdadeiros e assim, não devem mostrá-las a estes quadros falsos. Temem que fiquem presas ao mundo de fantasias sem saber lidar com a realidade. Contudo, conforme Bettelheim (1979), essas cenas “fortes” são necessárias para o desenvolvimento da personalidade da criança, assim como, o contato com a fantasia, já que esta alimenta o inconsciente.

As reflexões obtidas evidenciam que os contos de fadas dirigem-se diretamente ao inconsciente e por este ser um determinante do comportamento, é necessário que alguns dados venham à tona, para serem trabalhados em nível de consciência, com o auxílio da imaginação e do raciocínio, amenizando os conflitos existentes, uma vez que, segundo a psicanálise, é no inconsciente que ficam reprimidos os problemas. E como visto, o conto de fadas é uma literatura que permite que as dificuldades sejam trabalhadas na imaginação, na fantasia, facilitando, desta maneira o processo catártico, fundamental, no alívio das tensões interiores.

Destarte, os contos de fadas transmitem mensagens significativas à mente consciente, pré-consciente e à inconsciência, pois, para dominar problemas psicológicos do crescimento, a criança necessita entender o que está se passando dentro do seu eu inconsciente. Ela pode atingir essa compreensão, e com isto a habilidade de lidar com as coisas, não através da compreensão racional da natureza e conteúdo de seu inconsciente, já que ela ainda não possui maturidade suficiente, porém familiarizando-se com esta instância psíquica, através de devaneios prolongados. E é aqui que o contos de fadas têm um valor inigualável, conquanto oferecem novas dimensões à imaginação da criança, que ela não poderia descobrir verdadeiramente por si só.

Dessa maneira, observa-se que ao se identificar com os personagens e ao entrar em contato com os problemas dos mesmos, colocando-se no lugar deles, projetando neles seus próprios conflitos, a criança consegue aliviar suas tensões, pelo menos enquanto está lendo. E, no fim da leitura, ainda que tenha sofrido junto com a personagem, resta o alívio de saber que tudo não passou de ficção. Além do mais, conseguem colocar para fora os afetos que ficaram guardados, fazendo com que os processos internos sejam externalizados.

Constata-se também, que a tarefa mais importante na criação de uma criança é auxiliá-la a descobrir o sentido de sua vida e para que isto aconteça é necessário deduzir quais as experiências na vida infantil, mais apropriadas para promover sua habilidade de encontrar tal significado. De acordo com Bettelheim (1979) nada é mais importante que o impacto dos pais e outros que cuidam da criança; em segundo lugar vem nossa herança cultural, quando transmitida à criança da maneira correta. Quando as crianças são novas, é a literatura que canaliza melhor este tipo de informação.

Desse modo, uma das literaturas mais enriquecedora e aceitável para a criança, como também, para os adultos, é o conto de fadas, porquanto se averiguou que estes ajudam a criança a lidar com os problemas interiores e achar soluções adequadas, tanto temporárias como definitivas para seus anseios, visto que, trata-se de uma literatura de fácil entendimento, o que facilita apreender o problema em sua forma mais essencial.

Além disso, em seus enredos, sempre estão postos uma problemática existencial, assuntos que são cruciais para todos nós, como a morte e a vida, o bem e o mal, o medo, entre outros. Confrontando-nos honestamente com os predicamentos humanos básicos, os quais são essenciais, na construção da identidade.

Portanto, diante do exposto averigua-se que o conto de fadas pode contribuir positiva e significativamente para a construção da identidade infantil, acarretando grandes benefícios nesse processo, uma vez que, estes contos ensinam a criança a lidar com os problemas interiores, bem como, as auxilia na descoberta de um significado para a sua existência, sendo esta a mais complexa realização das pessoas.

Como visto, essa contribuição se dá principalmente através da projeção da criança nos personagens. Como também, através do processo catártico, que igualmente ocorre a partir da identificação com os personagens. Quantas vezes as crianças não se sentem como “O Patinho Feio”, rejeitado por seus próprios irmãos e pais, já que muitas vezes, há uma idealização da família em torno da criança, querendo que ela seja exatamente como sonhavam. E diante dessa exigência, muitas crianças sentem-se tristes e não se reconhecem como fazendo parte daquele núcleo familiar. Porém, muitas vezes não conseguem expressar tal sentimento de maneira racional, e a através de histórias como a do patinho feio, conseguem dentre outros aspectos, perceber, que alguém também se sente igual a ela, ainda que seja um patinho.

Em relação ao conto analisado, verificamos que este pode trazer grande contribuição para o desenvolvimento infantil, pois mesmo concordando com a teoria de Bettelheim, a respeito dos contos de fadas, discordarmos quando este autor faz afirmativas em relação ao conto analisado.

Para Bettelheim (1979) os contos de fadas sugerem algo para a criança alcançar sua superioridade e para ele o conto “O Patinho Feio” não é expresso nenhuma necessidade de fazer algo, o patinho não vivencia nenhum conflito que o “obriga” ou “conduza” ao amadurecimento, ele apenas cresce. Desse modo, embora a criança a aprecie, este conto, “desorienta sua fantasia” (BETTELHEIM, 1979, p. 133).

Contudo, corroboramos com Corso (2006) quando critica Bettelheim de que nessas histórias faltaria a luta da personagem rumo à superação, pois acreditamos que, este conto é mais que um simples processo de crescimento, que o mesmo leva a um processo de autodescoberta, (a criança se descobre que não é tão fraca, tão ruim), a autovalorização (ela é algo ou alguém superior) e autoafirmação, sendo este processo mais interno do que externo, em que a criança se descobre como alguém significativa. Eleva seu nível de percepção de realidade construindo novos relacionamentos. Para este autor, “nesta forma de catalogação subjetiva, faltaria considerar outras formas de superação que não passam por vencer bruxas, dragões ou conquistar princesas. A jornada desse herói é mais interior do que exterior” (CORSO, 2006, p. 32).

Além de ser um conto que traz para crianças questões de transformações, superações, desenvolvimento pleno das potencialidades humanas – transformar no melhor que se pode ser, elevando desta maneira sua autoestima, autoconfiança, autodescoberta. Também problematiza para as crianças assuntos sobre valores, como o respeito mútuo, a exclusão, a rejeição, fazendo-as refletir sobre a diversidade humana.

Para tanto se espera que este trabalho seja um incentivador e fundamental passo para diversos estudos complementares que, haverão de surgir. Assim, almeja-se que esta pesquisa, mesmo dentro de suas limitações, motive outras visões mais completas e profundas, a respeito da contribuição do conto de fadas, no processo de formação e construção da identidade infantil.

Por fim, nossa esperança é que uma compreensão própria dos méritos únicos do conto de fadas induza pais e professores a conferir-lhes novamente o papel central na vida da criança que tiveram durante séculos, visto que, o conto de fadas continua encantando crianças das gerações dos computadores, videogames, jogos de RPG, etc. Afirmando sua capacidade de sobrevivência ao longo do tempo, consistindo em seu poder de simbolizar e resolver os conflitos psíquicos inconscientes que ainda dizem respeito às crianças de hoje. Conforme afirma Corso (2006) o atual império das imagens não retirou a força das narrativas orais.

As crianças ao ouvirem um conto de fadas, criam concepções, que podem carregar com ela, durante o seu desenvolvimento, portanto, aceitar os contos como indicadores de modelos a serem seguidos é uma forma de vê-los como algo mais profundo do que simplesmente como história para ler na hora de dormir.

Assim sendo, entre tantas heranças simbólicas que passam de pais para filhos, certamente é de inestimável valor a relevância dada à ficção no âmbito de uma família, já que não existe infância sem ficção. “Histórias não garantem a felicidade nem o sucesso na vida, mas ajudam” (CORSO, 2006, p. 303). Para tanto, certa dose de otimismo é possível, pois, embora a ficção não tenha o poder de salvar o mundo, ela, pelo menos, o enriquece. Afinal, uma vida feliz se faz de histórias: as que vivemos, as que contamos e as que nos contam.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura Infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione, 1997.

ANDERSEN, Hans Christian. *Histórias maravilhosas de Andersen*. Compilado por Russell Ash e Bernard Higon. Tradução por Heloísa Jahn. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1995, p. 106-118.

AMARILHA, Marly. *Estão mortas as Fadas?: Literatura infantil e prática pedagógica*. 2. ed. Rio Grande do Norte: Vozes, 1997.

BARRIE, James Matthew. *Peter Pan*. Tradução por Ana Maria Machado. São Paulo: Salamandra, 2006.

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

COELHO, Nelly Novaes. *Panorama Histórico da Literatura Infantil/Juvenil: Das origens indo-europeias ao Brasil contemporâneo*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1991.

_____. *Literatura Infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000, p.163-183.

_____. *O Conto de Fadas*. São Paulo: Ática, 1987.

CORSO, Diana Lichtenstein e Mário. *Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FRANZ, Marie-Louise Von. *A interpretação dos contos de fada: Uma introdução à psicologia dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981.

_____. *A interpretação dos contos de fada*. São Paulo: Paulinas, 1990.

MATTAR, Regina Ribeiro. *Os contos de fadas e suas implicações na infância*. Bauru, 2007. Disponível em: <http://www.fc.unesp.br/upload/pedagogia/TCC%20Regina%20-%20Final.pdf>. Acesso em: 24 de fevereiro de 2013.

OLIVEIRA, Patrícia Sueli Teles de. *A contribuição dos contos de fadas no processo de aprendizagem das crianças*. Salvador - BA, março, 2010. Disponível em: <http://www.uneb.br/salvador/dedc/files/2011/05/Monografia-PATRICIA-SUELI-TELES-DE-OLIVEIRA.pdf>. Acesso em: 15 de março de 2013.

SORIANO, Mônica Elizabete Amaral. *Contos de fadas e identidade infantil*. São Gonçalo, n.74, 2009. Disponível em: <http://www.ffp.uerj.br/arquivos/dedu/monografias/MEAS.2009.pdf>. Acesso em: 02 de março de 2013.

SOSA, Jesualdo. *A literatura infantil: ensaio sobre a ética, a estética e a psicopedagogia da literatura infantil*. Tradução: São Paulo: Cultrix: Ed. da Universidade de São Paulo, 1978.

ANEXO